

Notas sobre o Fundamentalismo Islâmico.

1. O Fundamentalismo é uma tentativa que as religiões fazem de retornar às suas origens, por sentirem que a doutrina principal está sendo submetida a alterações muito profundas, que podem fazer a religião modificar-se.

Sendo a religião islâmica uma revelação dita divina e sendo o seu profeta Maomé, uma figura perfeita, nada do que ele colocou e terminou como parte da doutrina pode ser alterado, sob pena de ser considerado blasfêmia, perjúrio ou ação da divindade do mal, Satanás.

2. O fundamentalismo é, assim, uma espécie de reação de defesa do organismo religioso e também, em especial no caso do Islã, é entendido como uma espécie de Renascimento, ou seja, ao voltar às suas origens, a Fé experimenta uma nova Era, uma revigoração, portanto, Renasce.
3. O Fundamentalismo Islâmico não é o único fundamentalismo religiosos que aflora na cena política internacional, nos nossos dias, mas é o que mais chama a atenção do Ocidente, em especial depois do ataque de 11 de setembro de 2001, quando este movimento, radical, resolveu dar por iniciada uma guerra aberta contra o Ocidente e, em especial, contra os Estados Unidos e o seu modo de viver.
4. Os Fundamentalismos religiosos são, atualmente:
 - a) o Islâmico
 - b) o Hindu
 - c) o Judaico

O Fundamentalismo Islâmico será o objeto principal desta palestra, pelo que, faremos, agora, uma rápida apresentação sobre os outros fundamentalismos, ressaltando, desde já, um caráter muito particular:

| |
|--|
| O Fundamentalismo Islâmico está em choque com os outros Fundamentalismos, quer o Hindu quer o Judaico. |
|--|

5. O Fundamentalismo Hindu tenta solapar as próprias bases do Estado da Índia, cuja Constituição é laica e admite diversidade de crenças. Os partidos Shiv Sena e, em especial o Partido Bharatya Janata desejam implantar um Estado puramente Hindu, em que todos os habitantes teriam que seguir aquela religião. Seu principal alvo, atualmente, é o Islã. De notar que, até os tempos do Governo do Raj, isto é, o Vice-Reino das Índias Britânicas, a classe governante e mais rica na Índia era constituída pelos muçulmanos. Foram os ingleses que derrotaram na Índia o poder do Grão Mongol e reavivaram, de forma pensada, o passado hindu, produzindo um Renascimento religioso e cultural. No curso de sua história recente, a Índia vem observando o Partido do Congresso (de Gandhi e Nehru), aos poucos, perder o poder, que passou para o Partido Janata (um dos membros desse partido foi quem assassinou Gandhi), que ganhou as eleições em 1998 e, desde então, está no poder. É este partido que transformou a Índia em potência nuclear, desenvolveu grandes foguetes, colocou satélites em órbita e militarizou o país, mais ainda, já por volta de

1990, o ambiente político se tornou favorável a ataques contra os muçulmanos. Em 1992, em Ayodha, os militantes hindus, religiosos, atacam e destroem a mesquita local, de Babri Masjid e na esteira da onda de violência que se segue, são mortas mais de duas mil pessoas. A mesquita, deve-se recordar, estava construída em cima de um antigo templo Hindu e era um símbolo da opressão e imperialismo do Islan na Índia. A guerra que se trava desde 1947-48 na Cachemira e já parte antiga desta disputa entre os hindus e os muçulmanos.

6. Em Israel, o Fundamentalismo está associado a grupos radicais religiosos, em especial o Kahane Vive e o Eyal (Força Judaica Combatente). Eles defendem a existência da Grande Israel, isto é, que toda a Palestina e mais alguns outros territórios sejam ocupados pela expansão colonialista judaica. Eles defendem que os territórios da Cisjordânia, com suas antigas cidades de Hebron, Jericó e Nablus, são herança judaica, pela “vontade de deus...” Eles pensam em reviver os tempos bíblicos do mítico Reino do Rei David. O assassino de Itzhak Rabin, em 1995, era membro ativo da Eyal e executou seu ato dentro da idéia que o Primeiro-Ministro era um traidor de Israel, por querer entregar territórios ocupados aos muçulmanos, quando aquilo seria, na verdade, “terra de Israel”. Como se sabe, Israel também conta com bombas atômicas e foguetes de alta capacidade.
7. Observamos que o Fundamentalismo Islâmico está em choque com outros fundamentalismos, além de em choque com o Ocidente, em especial os Estados Unidos.

Entretanto, o Mundo Islâmico já foi uma Civilização brilhante, durante a Idade Média, tendo – depois – entrado em decadência.

Ponto importante:

| |
|---|
| Durante a Idade Média e até um pouco depois, o Islan utilizou os mesmos conhecimentos que o Ocidente. |
|---|

8. Não podemos desconhecer que os princípios gerais do conhecimento do Mundo Islâmico são iguais aos fundamentos do saber ocidental: a saber, ambos tem suas bases na Grécia Antiga e, no máximo, no período helenístico. Fala-se muito em ciência adiantada dos árabes, entretanto, procura-se esquecer que, na realidade, o que eles fizeram foi copiar a maior parte dos autores clássicos, notadamente em filosofia e história natural.

As escolas de sabedoria do Islan eram, essencialmente, escolas de tradutores, de mantenedores de uma tradição. E, ao contrário dos ocidentais, eles não souberam romper com estas tradições.

Diz Sherwood Taylor:

| |
|--|
| “As descobertas novas do mundo árabe foram poucas; tem eles quer ser considerados mais como mantenedores da ciência do que como criadores dela. Absorviam as idéias alienígenas com espantosa rapidez e a maneira pela qual assimilaram a cultura grega constituiu uma belíssima conquista; isto não impede que eles não tenham criado uma única concepção grandiosa – A teologia muçulmana considerava todos os acontecimentos como atos diretos de deus, ponto de vista este que renega toda lei científica, tornando crível o miraculoso. A maneira científica de encarar o mundo era, portanto, algo estranho à índole |
|--|

muçulmana e, conforme já se poderia esperar, grande número de cientistas que floresceram sob os árabes, não eram de sangue árabe, mas sim sírios, persas e judeus.” (Pequena História da Ciência, F. Sherwood Taylor, Martins Editora, São Paulo, 1944, p. 76).

Portanto, as limitações para a compreensão da natureza e da humanidade em geral, no Mundo Muçulmano, são as mesmas limitações da antiguidade clássica, sem o refinamento de suas grandes especulações.

Os árabes limitam-se a copiar e comentar, não avançando. Além disto, tal como no mundo clássico, os árabes também possuem a instituição da escravatura, o que é uma grande força que trava o desenvolvimento técnico.

O professor Rene Taton e outros, assim apresentam esta questão:

“para os árabes, a ciência é, sobretudo, o conhecimento da lei religiosa... entre os povos conquistados, as Índias e a Pérsia trouxeram uma importante contribuição. Mais importante, porém, foi a herança da Grécia Antiga e do pensamento helenístico. Os alexandrinos constituíram um corpus das ciências que os bizantinos conservavam e comentavam. Já havia muitas traduções siríacas, que facilitaram, mas também influenciaram, as primeiras traduções árabes. Destarte, apesar de uma receptividade bem mais ampla, a ciência árabe não passa, no fundo, de uma continuação da ciência grega. Os grandes sábios, como Galeno e Ptolomeu, remanesceram como os mestres dos árabes... não se pode desprezar a influência da Índia e da Pérsia. A ciência hindu, em particular, foi bem estudada e suas obras importantes traduzidas ou adaptadas. Porém, a opinião, segundo a qual a ciência árabe resulta de um amálgama ou de uma interfecundação dos conhecimentos científicos de todas as nações, não resiste à análise. A estrutura do pensamento científico dos árabes é inteiramente grega... é um exagero falar de uma síntese de várias culturas...” (História Geral das Ciências, volume III, direção geral da redação de Rene Taton, Difusão Européia do Livro, S.P. , 1959, p.22).

9. Assim, os árabes, embora posteriores, ficaram mentalmente restritos ao pensamento do mundo antigo, que tinha desaparecido.

O mesmo, é verdade, se deu com a ciência e o conhecimento em geral no Ocidente e muitas cópias de livros gregos chegaram até o Ocidente pelas escolas de tradutores muçulmanos, em especial na Espanha.

Mas, o Ocidente soube romper, verdade que com muita dificuldade, estas amarras.

Ao questionar a sabedoria dos antigos e procurar, por demonstrações e experiências, questionar a validade da totalidade dos ensinamentos da Grécia Antiga e do período helenístico, o Ocidente soube fundar a verdadeira ciência e aperfeiçoou a técnica.

Assim, enquanto o mundo árabe permanecia prisioneiro do saber dos Antigos, o Ocidente utilizou este saber como uma base para partida rumo a indagações mais profundas e soube, assim, despertar para um Renascimento, que o levou a muitas revoluções, tanto no pensamento como no mundo prático, disto resultando, não só ciência, técnica e maquinários, mas também, uma outra ordem econômica, agressiva e muito florescente.

10. Já a idéia de Renascimento é um conceito em que o Ocidente contrasta, de forma notável, com o Mundo Muçulmano.

De fato – e veremos depois exemplos maiores – o Renascimento para o Islan é a volta às suas origens, é um fundamentalismo, não é uma projeção para um outro sistema, mais complexo e mais aperfeiçoado.

Renascimento, para a cultura muçulmana, é fazer o tempo voltar atrás, no rumo dos acontecimentos primordiais de sua fé. Isto se dá sempre que está fé muçulmana é questionada, posta em dúvida ou se enfraquece internamente.

Assim, os sistema muçulmano tende a uma circularidade, a um tempo circular, como dizia Mircea Eliade e volta, sempre ao ponto de origem.

Podemos bem entender, então, que tal concepção não permite uma fuga para o futuro, a busca de novos caminhos e tende, assim, a perpetuar erros e atrasos.

11. Mircea Eliade, autor dos mais conhecidos e autoridade em história das religiões e mitologia, assim coloca esta questão do tempo circular:

“No fundo, encarada na sua verdadeira perspectiva, a vida do homem arcaico, reduzida à repetição dos atos arquetípicos ou seja, as categorias e não aos acontecimentos, à repetição contínua dos mesmos mitos primordiais, etc, se bem que se desenrole no tempo, não suporta sua carga, não se sujeita à irreversibilidade, em suma, ignora aquilo que, justamente, é característico e decisivo na consciência do tempo. Tal como o místico e o religioso em geral, o primitivo vive num presente contínuo. E é neste sentido que podemos dizer que o homem religioso é um primitivo, pois repete gestos de um outro e, por essa repetição, vive continuamente num presente a-temporal.” (Mircea Eliade, O Mito do Eterno Retorno, Edições 70, Lisboa, 1978, p. 100/101).

A cultura muçulmana, tendo em vista que sacralizou o conhecimento dos Antigos, tornando-os dogma que colocou ao lado das revelações religiosas do Alcorão, passou a viver um presente contínuo, com um olho voltado para o passado, para aquilo que já se tinha como dado e era considerado imutável. Esta tendência marcante do pensamento religioso do Islan termina por contaminar sua maneira de pensar e viver no mundo, que o faz viver num presente a-temporal, tanto que, ainda hoje, fala em cruzados e francos e lembra Saladino e suas batalhas, com corcéis e cimitarras, como se vê nos cartazes e na arte popular muçulmana, voltada contra o Ocidente, em particular.

12. Sob o ponto de vista da lógica interna, o Islan está plenamente certo, pois, devemos lembrar que não é adequado a uma religião altamente organizada, admitir a incerteza e tolerar as inovações, pois que isto abre caminho para os questionamentos e as chamadas heresias...

Este é o grande drama do mundo muçulmano. Consiste em não ter sabido, num dado momento, separar a religião da vida laica, considerando tudo uma realidade só. Por isto, a civilização muçulmana terminou por estagnar.

13. Outro ponto que devemos observar, nestas breves notas sobre o fundamentalismo islâmico, é a questão, justamente, das heresias.

O principal movimento que cindiu o modo de pensar do Islã, foi uma heresia, depois mais ou menos acomodada no seio da doutrina tradicional. Trata-se do chamado Sufismo (que pode vir de “os que vestem a lã”, roupa grosseira dos ascetas e monges).

O sufismo surgiu como uma reação puritana ao ambiente de liberdade sexual, uso de drogas e bebidas e licenciosidade e relaxamento geral dos costumes, que se seguiu ao êxito da expansão imperialista do Islã, que o levou a conquistar a maior parte do Império Romano do Oriente (Bizâncio) e o outrora poderoso Império Persa.

A devoção e o espírito simples do homem do deserto, viu-se enfraquecido e modificado, diante da suntuosidade da vida urbana em cidades muito antigas e sofisticadas, a maior parte das quais, abriu suas portas ao invasor árabe, recebendo-o como libertador, pois grassava, na época, uma controvérsia religiosa no mundo cristão, que – em grande parte – não queria admitir que o chamado Jesus Cristo fosse um deus ou filho de um deus.

Estas doutrinas, que admitiam que Jesus era um simples profeta, como antes dele os profetas do Velho Testamento, constituíam-se no ponto forte das controvérsias, que não admitiam, tampouco, a existência do chamado “Espírito Santo” e, muito menos, admitiam que a conhecida “Virgem Maria” poderia ser “mãe de deus”. Como pode Deus ter Mãe, exclamavam!

A doutrina religiosa dos muçulmanos, admitindo que só Alá era deus e Maomé o seu profeta (detalhe, o último profeta) na linha de Abraão até Jesus, seduziu a mente popular, que admitiu de boa vontade os exércitos árabes e passou a aceitar o Islamismo, em lugar do cristianismo, que era, então, a religião principal da região (ao lado do zoroastrismo). Os sufistas, cujas práticas eram ascéticas e incluíam sessões de flagelação, transes com drogas e verdadeiras orgias, surgiram como uma reação estranha ao distanciamento da vida simples que a elite árabe agora experimentava.

Sua grande diferenciação, em relação ao viver das elites era que eles pensavam que se deveriam reunir em mosteiros e estabelecer ordens monacais, iguais as cristãs.

Não existem dúvidas que o sufismo foi, também, uma reação à influência cristã e, na fronteira com a Índia, uma reação à influência budista, ambos sistemas religiosos que pregavam à renúncia aos bens desta vida e pregavam a vida em comunidades de monges.

Diz Fazlur Rahman que:

“estes ascetas e pregadores populares exerceram uma poderosa influência sobre as massas... usavam diversas fontes, cristãs, judias, gnósticas e, mesmo, budistas e zoroástricas... o nome sufi vinha do grosseiro material que estas pessoas vestiam, como sinal de ascetismo e renúncia. Suas práticas simples, transformaram-se em elaborados conceitos espirituais, com a introdução da música e da dança, e ameaçou a posição da mesquita como centro do serviço religiosos... uma das introduções, ao que parece com influência cristã, foi a idéia do Mahdi, o enviado de deus, a fusão desta doutrina messiânica com a doutrina cristã do Segundo Advento era uma evolução natural... os sufistas, para justificarem estas rupturas, formularam, isto é, inventaram verbalmente, afirmações, muitas vezes bastante fantasistas e desprovidas de qualquer verdade

histórica, que atribuíram ao Profeta. O resultado foi uma campanha anti-sufista... que reprovava em geral, no Islã, o ascetismo absoluto e especialmente o monasticismo e o afastamento do mundo, além, de realçar a superioridade de um sábio sobre um asceta... estes esforços evitaram que o Sufismo desse o passo seguinte: o estabelecimento de ordens completamente monásticas, o que evitou a destruição de toda a estrutura do Islamismo. (Fazlur Rahman, O Islamismo, Arcádia, Lisboa, 1970, p. 186/187).

14. O Sufismo foi, portanto, moderado e suas doutrinas adaptadas ao sistema geral do Islã, permanecendo, porém, sempre, grupos sufistas que eram divergentes. No entanto, a ameaça de um grande cisma, com o advento de um islamismo que seria similar ao cristianismo, em sua prática medieval, foi evitado.

Mas, os sistemas sufis, com suas extravagâncias, perduraram, meio admitidos.

Diz Rahman:

“a música, a dança e outros movimentos violentos do corpo, dançar, girando, sobre um calcanhar, os dervixes dançadores, com os olhos fechados e os braços abertos. Noutra ordem ainda mais extremistas, além disso tudo, rasgavam as vestimentas e realizavam outros atos místicos, como, por exemplo, comer vidros, práticas que tem sido atribuídas às influências xamanistas, trazidas pelas invasões dos Mongóis... No século V / XI tinha-se generalizado a crença nos milagres dos santos... acrescido à demagogia espiritual de muitos sahyks sufis, isto abriu às portas a toda espécie de aberrações, das quais o cahalatanismo não era a menor. Madjubs, isto é, aqueles que estão perpetuamente em transe, desequilibrados, mendigos, parasitas, dervixes exploradores, todos proclamavam a fé em Maomé, no auge do Sufismo. O islamismo estava à mercê de delinquentes espirituais. A crença em milagres... a bênção, a veneração e adoração dos túmulos dos santos e das relíquias... peregrinações aos túmulos, as vezes acompanhadas de feiras... (O Islamismo, p. 211/212).

Como se verifica a maior parte são práticas adotadas pelo cristianismo, e, em especial depois da instituição das ordens de monges e da santificação de seus fundadores ou líderes principais.

No Sufismo, o sistema evoluiu para a instituição de um Guia ou Chefe Espiritual, de cada sub-grupo. Assim, o Sufismo acabou virando um culto de personalidades, como nas modernas igrejas pentecostais eletrônicas. Quem não tinha um Guia, um Chefe Espiritual, era considerado, quase um abandonado de deus, ou até um “sem deus” (e, portanto, ateu).

O filósofo árabe Al Ghazali, assim colocou a questão:

“O discípulo deve necessariamente poder recorrer a um diretor que o guie acertadamente. Porque o caminho da Fé é obscuro, mas os caminhos do Demônio são muitos e visíveis e aquele que não tem um Guia será conduzido pelo Demônio. Por esta razão, o discípulo deve seguir o seu Guia como um cego na margem de um rio segue o seu condutor, confiando-se inteiramente a ele, nunca o contrariando em questão alguma e sujeitando-se a segui-lo em absoluto. Saiba ele que a vantagem que tira do erro de seu Guia, se este errar, é maior do

que a vantagem que tira de sua própria razão, se a tiver.” (Rahman, *O Islamismo*, p. 212).

15. Este tipo de culto acabou por levar ao fanatismo e a divisão, de sorte que o Islan acabou por intervir, através das autoridades, que, não devemos esquecer, são tanto religiosas quanto civis, já que os intérpretes da lei são homens da fé e a lei é o Alcorão e a memória sagrada.

Em 922, o filósofo sufi Al-Hallaj foi o objeto mais evidente desta reação. Acusado de ter afirmado que era o próprio deus (“eu sou a verdade”, teria dito), foi preso e condenado em Bagdah. Acusado de feitiçaria, entre outros desvios, foi açoitado, enforcado, decapitado e seus restos queimados.

O sufismo tinha ido muito longe, em seu ascetismo e práticas de êxtase. Eles acreditavam que podiam se incorporar ao verdadeiro deus e, com isto, dispensavam as orações, as esmolas, as peregrinações até Meca, a ida até a mesquita, as madrassas e todo o sistema oficial de funcionamento do Islan.

16. Foi em razão destes desvios de seita e da vida acomodada e libertina que se praticava nas cidades, tão bem retratado nas *Mil e Uma Noites*, que surgiu a reação fundamentalista.

Aqui, convém lembrar que o início destas famosas histórias árabes diz o seguinte:

“o rei, ao cabo de dez dias, terminados os preparativos, despediu-se da rainha e, seguido de oficiais, dirigiu-se ao pavilhão real... com o qual se entreteve até meia-noite, mas, querendo mais uma vez abraçar a rainha, a quem amava muitíssimo, voltou sozinho ao palácio e encaminhou-se imediatamente para o aposento dela que, não esperando revê-lo tão cedo, recebera em seu leito um dos mais humildes servidores da casa. Deitados havia tempo, dormiam os amantes profundamente... o rei entrou sem o menor ruído, desejo de surpreender a rainha por quem se julgava ternamente amado...” (As *Mil e Uma Noites*, versão de Antoine Galland, Edigraf, S.P., sem data, volume I, p. 19.)

Os costumes estavam, portanto, afrouxados e é significativo que todo o cerne da história diga respeito às mulheres e ao tratamento que lhes é dispensado, por traições reais e infundadas.

17. Não é de esquecer, também, a lamentação do chefe caraíta Abu Hanza:

“ó povo do Hedjaz: procuras injuriar-me à conta de meus companheiros dizendo que eles são jovens? Não eram também jovens os Companheiros do Profeta?... Por Alá, estes são jovens que são velhos em sua mocidade. Têm os olhos fechados às tentações do mal; os seus pés evitam com asco os caminhos da luxúria. Eles estão emagrecidos pela adoração incessante de Alá...” (O *Islamismo*, p. 230).

Choviam, portanto, as acusações sobre todo o tipo de desvios de normas do Alcorão, embora seja verdade que o homossexualismo não estivesse de todo proibido pelo Profeta.

Mas, fosse como fosse, o certo é que veio a reação fundamentalista, que exigia a volta a um passado mítico, bem ao início, aos tempos da fundação do Islamismo,

afirmando-se que os tempos puros eram, apenas, os três primeiros séculos, com os Califas legítimos e, depois, tudo havia caído em decadência.

18. O fundador do movimento puritano de reforma e de volta às origens (aos fundamentos da religião) foi Muhammad ibn Abd al-Wahhab, que viveu de 1703 a 1792 da nossa Era.

Num livro chamado “O Livro da Unidade”, ele atacou ferozmente as teorias populares do sufismo, atacou a crença nos santos e nas relíquias, até mesmo as peregrinações e adoração dos túmulos dos santos, negando que eles tivessem poder para interceder diante de Alá.

Ao mesmo tempo, atacou a corrupção dos costumes nas cidades, a licenciosidade e a liberdade das mulheres.

No dizer de Fazlur Rahman:

“atacou a organização do islamismo medieval e considerou essencial recuar aquém das autoridades religiosas medievais, passando a reconhecer apenas duas autoridades em matéria religiosa; o próprio Alcorão e a Suna do Profeta, a coleção de suas palestras, juntamente com os Precedentes dos Companheiros do Profeta... Eles aceitaram o Ijma, ou seja, o consenso dos três primeiros séculos do Islamismo como norma obrigatória... Uaabismo, efetivamente, transformou-se num termo genérico, aplicável não apenas ao movimento particular iniciado por al-Wahhab, mas a todos os tipos de fenômenos análogos, ao longo de todo o mundo muçulmano, que advogassem a purificação da fé, rejeitando aditamentos degradantes e que insistissem no pensamento original no assunto de religião ou, até mesmo, em julgamentos mais ou menos independentes... Assim, eles rejeitaram até mesmo o método de raciocínio analógico para interpretar o Alcorão e a Suna... Isto resultou num ultra-conservantismo e quase absoluto literalismo... mas o aspecto mais importante do Uaabismo era a sua motivação moral: tratava-se de uma violenta reação contra a degradação moral em que a comunidade do Islan se tinha deixado cair gradualmente, ao longo dos séculos, durante os quais o Sufismo Popular se tinha tornado fator preponderante... o movimento pode ser resumido como uma afirmação do monoteísmo e da igualdade entre os homens combinada com diversos graus de reinterpretção da herança positiva e real da tradição islâmica para a reconstrução da sociedade muçulmana...” (p. 270 / 271).

19. O fundador desta seita uaabita viajou extensamente pelo mundo muçulmano, mas acabou fazendo uma aliança com o chefe militar de um oásis, no chamado Nedj, uma das regiões da península da Arábia Saudita.

O nome deste chefe era precisamente Abd al Aziz ibn Saud que propôs uma aliança com o pregador. A seita seria uma exclusividade do clã militar dos Saud e al-Wahhab aceitou. Assim, fé e conquista militar se aliaram e foram, aos poucos, dominando toda a península arábica, com poucas exceções, dando o nascimento ao reino dos Saud, depois da conquista de Meca e Medina, já no final do século XIX, início do século XX. Com isto, surgiu o reino hoje milionário da Arábia Saudita,

ESCOLA SUPERIOR DE GEOPOLÍTICA E ESTRATÉGIA
Reunião Mensal de Atualização e Debate – 28/10/2004
Notas sobre o Fundamentalismo Islâmico.

como propagador das doutrinas uaabitas, que são puritanas e tendem a buscar os fundamentos da fé nos inícios do movimento muçulmano.

Esta escola é que formou Osama Bin-Laden!

Bin-Laden é, pois um uaabita, um pregador, um iluminado dentro desta linha de pensamento religioso que procura afastar do núcleo das crenças islâmicas todo e qualquer acréscimo, que venha por contaminação com o cristianismo ou com o budismo.

Observem que as práticas sufis, que quase chegaram ao monasticismo (instituição budista e cristã), quiseram impor os tipos de crenças em milagres, relíquias, santos e seus túmulos, que são objeto de devoção no mundo ocidental, no cristianismo, tanto oriental quanto católico, mas mais no mundo católico.

Assim, chegamos às raízes do fundamentalismo radical islâmico. É um movimento que data de pregações do século XVIII e teve seu apogeu militar no final do século XIX e alcançou a riqueza agora, no século XX, depois da aliança entre Washington e Riad, em torno do petróleo da Arábia Saudita.

Comenta Rahman:

“Uma parte da oposição ao Uaabismo devia-se inegavelmente ao fato de suas doutrinas ameaçarem a frouxidão moral e os cultos supersticiosos da religião popular que até a maioria dos ulemás acabara por desculpar, senão aceitar inteiramente. Por conseguinte, a reforma Uaabita não sofria apenas a oposição das massas, mas, inicialmente também de muitos ulemás que desejavam preservar o patrimônio do islamismo medieval. Mas, a maior parte destas oposições atribui-se à atividade política dos Uaabitas e, especialmente ao seu violento militarismo.” (p. 272).

Fazulur Rahman define o uaabismo como “ uma reforma de ultra extrema-direita do islamismo ”.

É este movimento de reforma que confronta, atualmente, o ocidente e é ele que ganha prestígio e adeptos no Mundo Muçulmano.

Notas finais: lembrar o grupo iraqueano “Monoteísmo e Guerra Santa”, que representa a Al-Qaeda na guerra interna naquele país. A questão do Monoteísmo, já analisada em “A expansão imperialista do Islan e as Heresias Cristãs”. Lembrar, ainda, que o modo de vida do Islan tradicional está sendo solapada pela propaganda americana e ocidental em geral. Eles dizem que a propaganda do ocidente é uma ilusão perigosa e fora de sua realidade, de seu alcance e que despertam a inveja e a insatisfação, que corrompem a simplicidade do mundo muçulmano.

Comentar estas questões. Responder às perguntas.